

A Humanidade é migrante

"Migrações Humanas", tema do XXV Curso de Verão da Ericeira, organizado pelo Instituto de Cultura Europeia e Atlântica (ICEA), reuniu, ao longo de três sessões, um grupo de especialistas que forneceram, a todos os frequentadores da acção, uma visão de conjunto desta problemática.

A primeira sessão contou com os oradores Lúcio de Sousa, do Centro de Ecologia Funcional da Universidade Aberta, e com Nuno Dias, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A moderação foi de Anabela Almeida.

Com o título " Migrações Forçadas e Política de Acolhimento de Refugiados em Portugal - Perspectivas Históricas e Condições Actuais", a intervenção de Lúcio de Sousa recorreu a casos concretos e a muitos exemplos interessantes.

Durante a Guerra Civil Espanhola - destacou - recebemos e protegemos fugitivos do país vizinho; salvámos vidas; mas também obrigámos ao regresso forçado de muitos outros que acabaram fuzilados...

A população da Aldeia da Luz, por ocasião da construção do Alqueva - continuou - migrou em massa para uma réplica fiel da aldeia desaparecida; recebemos belgas do Congo; exilados de Timor; ingleses de Gibraltar, várias figuras da realeza internacional refugiados (nomeadamente na ilha da Madeira); pessoas de Leste que se dispersaram após a queda do muro de Berlim...

Para melhor captar em todos os seus ângulos o fenómeno das migrações humanas, os participantes do curso receberam sugestões, como o romance " Gente Feliz com Lágrimas", de João Melo, relato impressionante de açoreanos que a dureza da vida forçou à emigração.

"Minha aldeia é todo o mundo"

Na ocasião, a moderadora Anabela Almeida leu poesia de António Gedeão. "Minha aldeia é todo o mundo/todo o mundo me pertence/aqui me encontro e confundo/com gente de todo o mundo/que a todo o mundo pertence".

Neste pendore de universalismo não faltou uma menção ao diplomata português, Aristides de Sousa Mendes, que, contrariando ordens do ditador Salazar, salvou dezenas de milhares de vidas, passando vistos de refugiados em Portugal, aos que tentavam fugir do terror nazi.

E atualmente? Calcula-se existirem mundialmente mais de 170 milhões de migrantes, entre os quais os requerentes de asilo e deslocados, quer dentro quer fora dos seus países de origem.

"Os estados parecem esquecer as convenções que assinaram", sublinhou Lúcio de Sousa, após fazer uma contextualização global, evidenciar com números a dimensão do fenómeno das deslocações humanas e enunciar as várias figuras jurídicas, convenções internacionais e cartas de direitos, que supostamente regulamentam e protegem deslocados, com e sem estatuto de refugiado, requerentes de asilo, de refúgio, de pessoas desejosas de se sentir em segurança

atravessando fronteiras, de recomeçar a vida em países que as acolham ou apenas reunir condições que lhes permita regressar às regiões de origem.

Quanto à construção de políticas de acolhimento, Lúcio de Sousa lembrou que, por exemplo, nos anos de 2015/16, o discurso em Portugal era tão simplesmente "eles que venham trabalhar nas florestas e nas terras de baixa densidade populacional". É este o acolhimento português?

"Fronteira" - proteção, controlo ou exclusão

Sempre desafiador, com mais perguntas que respostas, o Curso e a sessão continuaram com Nuno Dias e a intervenção que intitulou "Como Falarmos de Migrações? Percepções, Evidências e Governação"

Ora, "as migrações não são só um fenómeno demográfico, ou económico, ou jurídico; são também um campo de disputa conceptual, político, mediático, institucional (...), de linguagem, de memória, de palavras que organizam o debate", afirmou Nuno Dias, questionando toda esta construção valorativa.

Por exemplo, a palavra "fronteira" pode significar proteção, controlo ou exclusão;

A ideia forte de "nação território", da nação como unidade natural de análise, pode conduzir a uma "operacionalização acrítica", a um "nacionalismo ideológico"; e a integração? é simplesmente desejável ou também reconhecida como uma medida de "diluição" de uma cultura noutra?

Quanto à substituição do descritivo "raça" por "grupos étnicos", que mais benefícios produziu para além de reforçar a dimensão da diferença cultural?

A coesão está em risco? Há uma crise de fragmentação?

Como equacionar pertença e identidade, cidadania e nacionalismo, unidade ou diversidade? Teremos bem claros todos estes conceitos? Ou, seguindo as muitas interrogações levantadas por Nuno Dias, teremos mesmo que rever do que falamos quando falamos de migrações?

Nós e "os outros"

A segunda sessão, moderada por Victor Ágoas, teve como primeiro orador Rui Pena Pires, do Centro de Investigação e Estudos Sociais (CIES) do ISCTE, cuja intervenção teve por título "Migrações e Integração - Processos e Políticas".

Retomando as questões de conceptualização e vocabulário e recorrendo a um caso antigo registado pelo sociólogo Norberto Elias, Pena Pires contou como um bairro londrino a dada altura recebeu uma nova população que em nada se distinguia da previamente ali residente. Mesmo assim, os anteriormente estabelecidos definiram os que vinham de fora como "outros", os recém-chegados, os *outsiders*.

Partindo desta história, fez uma pergunta e deu a resposta explicativa. "Queremos mesmo criar sentido de pertença comum? Não é tratando mal quem chega que o conseguimos (...) Nas migrações internacionais, integrar significa criar condições e sentimentos de pertença à colectividade nacional de destino e compatibilizar eventuais acréscimos de variedade

sociocultural (...) nada disto é homogeneizar. Ser Iguais? Iguais a quê? As sociedades modernas são bastante plurais. Não se trata de fazer os migrantes semelhantes aos nativos".

Para caracterizar as sociedades modernas e heterogêneas, Pena Pires utilizou um termo: "Monoculturalismo plural". Lembrou que a condição de imigrantes não se substitui à condição social de imigrantes. E exemplificou. "Quem for trabalhar para uma multinacional, como um dos meus filhos, tem muito facilitado o processo de mudança".

São mais semelhantes dois engenheiros, sendo um turco e outro alemão, que trabalham em qualquer parte do mundo, do que dois turcos de condições socioeconómicas extremadas, acrescentou ainda.

Para ilustrar como as políticas de cada país podem produzir integração e cidadania, usou de novo um exemplo pessoal: "O meu filho pediu a nacionalidade australiana ao fim de cinco anos e foi-lhe concedida numa cerimónia de boas-vindas onde recebeu um diploma de cidadão".

Pena Pires recorreu em seguida a um caso diametralmente oposto: "Nos Emirados Árabes a modernização faz-se sem classe operária local. O país convida os trabalhadores que precisa. Tem quase 90% de estrangeiros com zero direitos."

"Portugal -referiu - garante a igualdade de direitos entre nacionais e estrangeiros, no artº15 da Constituição (com algumas excepções, como poder ser eleito Presidente da República)".

No Plano de Erradicação de Barracas (Plano Especial de Realojamento - PER) todos tinham direito à casa", recorda.

Por outro lado, considera que Portugal nunca teve uma política de vistos eficaz e que o maior problema da imigração portuguesa é a irregularidade.

De invisíveis a inimigos do povo

José Mapril, o segundo orador da sessão, trouxe para o curso os resultados dos seus estudos de antropologia para doutoramento, uma intervenção intitulada "De invisíveis a inimigos do povo:uma história dos Bangladeshis em Portugal".

Relatou que até aos anos 2000 chegaram muitos imigrantes daquele país. "Isso representava um grande investimento (do imigrante), mesmo endividamento familiar, algo que só um segmento intermédio da população, uma classe média local consegue" - explicou.

O imigrante é normalmente um bom homem preocupado em ser um bom provedor para a família e daí organizar "a fuga a uma ausência de oportunidades". Os que emigram vem com capital educacional e muito vocacionados para se tornarem empresários.

"Sendo patrão de si próprio - referiu - é mais fácil conseguir um discurso de sucesso. Sucesso que muitos conseguiram, incluindo reunificação familiar e mobilidade social ascendente, via escolaridade para os filhos."

Na senda desse discurso de sucesso, a comunidade criou várias associações em Portugal. Uma das quais, por muito que se estranhe, é a Associação (Portuguesa) de Jogadores de Cricket.

O êxito dos mais velhos atraiu outros. Mas os tempos mudam. As crises sucessivas trouxeram o estigma do trabalho manual, da construção civil e limpezas, e o colapso de muitos negócios.

No Martim Moniz e na Mouraria, em Lisboa, zonas urbanas deprimidas e por isso mais acessíveis, floresceu o negócio grossista, as mercearias e os restaurantes para servir a geração que não cozinhava em casa. Houve alguma dinamização económica e social da Mouraria. A Rua do Benfornoso tornou-se uma centralidade de apoio. Mas as casas ficaram mais caras, inacessíveis, os trabalhos de entregas e transportes tornaram-nos mais visíveis.

Foi-se formando uma reserva de trabalho barato nas mãos de empresários sem escrúpulos.

As teorias da substituição, a par do caos burocrático, da irregularidade, do estigma da ilegalidade, da racialização dos que são e dos que parecem muçulmanos, e a islamofobia, criaram a atual percepção. Crescem as notificações de expulsão, desaparecem cerca de 160 mil imigrantes antes inscritos na Segurança Social. O Bangladesh passa a simbolizar a ameaça.

Como olhamos as migrações

Na terceira e última sessão, moderada por Miguel Monteiro, Catarina Reis Oliveira, professora no ISCS da Universidade de Lisboa, organizou a sua intervenção em torno das variáveis "Segurança e Percepções, Regulação e Governança". Com a experiência que reuniu ao longo de desempenhos vários, como a direção por quase vinte anos, do Observatório das Migrações, ou a coordenação do Alto Comissariado para as Migrações, contribuiu com uma perspectiva indispensável: o desafio dos números.

Mas começou por alertar para o facto de a realidade ser política e socialmente construída. Avisou: mesmo os números, as estatísticas, dependem dos critérios e dos conceitos utilizados.

"Quem são os imigrantes depende de como olhamos as migrações. De como os enquadrámos no espaço e no tempo. Do perfil que lhe atribuímos", disse, desafiando os participantes do Curso a um exercício destinado a salientar a facilidade das leituras subjectivas e a facilitar uma revisão do auto posicionamento de cada um dos presentes.

"A vivência de cada um de nós influencia a leitura. Ter um vizinho imigrante, que acabamos por conhecer bem, pode alterar a percepção do imigrante, como esse outro imaginário, abstrato, global", explicou, adiantando: "No Luxemburgo metade da população é estrangeira e não há problema. Em Portugal os estrangeiros mal passam dos 14%.... Então porque é que a questão da imigração se tornou tão importante?" - interrogou Catarina Reis Oliveira.

João Peixoto, professor do ISEG, o último a usar a palavra, conseguiu como que fechar o círculo em torno das múltiplas intervenções, em muitos casos, altamente detalhadas. A sua comunicação teve o mesmo título do curso: "Migrações Humanas". E logo se percebeu porquê.

"Há normalidade na migração humana? Naturalmente! Movemo-nos na procura de melhores condições de vida. Os humanos migraram desde sempre. Para sobreviver, um pouco como todas as outras espécies migratórias. E para procurar vidas melhores, melhores rendimentos, melhorar carreiras. Temos pretensões para os nossos filhos, queremos mobilidade ascendente". Assim ilustrou João Peixoto, a realidade, os factos associados ao fenómeno migratório, afinal tão velho como a própria espécie.

Quando chamamos *ubers*, encomendamos comida, contratamos cuidadores para acompanhar os mais velhos, pessoal para fazer limpezas, pessoas para trabalhar nas obras e na agricultura, percebemos bem quem maioritariamente preenche esses lugares - disse, para acrescentar. Não é fácil imaginar o que pode um nepalês fazer pela sua família com um salário mínimo

européu, até mesmo com o português. As diferenças entre os mercados de trabalho são abissais. Muitos segmentos do mercado de trabalho não são interessantes. Quem é que os preenche? A questão é retórica".

"Porquê então esta hostilidade?", pergunta o professor e investigador, lembrando como Berlusconi conquistou poder opondo-se à imigração, e, no final, fez a maior das regulamentações de migrantes em Itália!

"É desumano esconder os imigrantes debaixo do tapete" - sublinhou. "O forasteiro, o estrangeiro, o estranho, o desconhecido - continuou - é um outro frequentemente apontado como fonte de problemas e de perigos. A hostilidade e o medo não se dirigem aos turistas ou aos que querem residir no nosso território oriundo de países ricos mas aos que lutam pela sobrevivência".

A humanidade é migrante - repetiu. "Os humanos migraram desde sempre. Estranho seria se não migrassem. Se não migrassem procurando territórios seguros, oportunidades de trabalho e negócio em melhores mercados e sociedades mais ricas e desenvolvidas", concluiu João Peixoto.

Está XXV edição dos cursos de Verão do ICEA decorreu ao longo de três sábados, dias 27 de Junho, 4 e 11 de Julho, de 2026, no Auditório de Santa Marta na Ericeira.

Rogério Bueno de Matos, Associado do ICEA